

# Hegel e os fundamentos geográficos da história - o clima e o solo como condicionantes de progresso ou atraso histórico

Jair Antunes  
UNICENTRO / PR

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo discutir a importância das condições geográficas, físicas e climáticas na configuração dos povos históricos segundo a concepção de história universal em Hegel. Para este, a história da humanidade representa a Idéia do Espírito, tal como esta se apresenta na realidade efetiva enquanto série de configurações externas. Este espírito, ao apresentar-se na história universal, nas figuras de povos determinados, está sujeito às contingências naturais. Ao ingressar no tempo e espaço determinados expõe-se ao modo da finitude e, assim, ao modo da naturalidade em geral. Aparece, então, como a particularidade natural existente como princípio natural, como determinidade singular natural. O clima tem especial influência na formação sócio-cultural de um povo. Estas diferentes particularidades naturais formam o fundamento da determinidade geográfica da história universal. A América aparece como parte da história do porvir, do vir-a-ser, da história do futuro e, portanto, como a possibilidade de superação da história européia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Friedrich Hegel, história universal, fundamentos geográficos, América, devir.

**ABSTRACT:** This work puts into discussion the importance of the geographic, physical, and climatic conditions in the configuration of historical people according to Hegel's conception of universal history. For Hegel, human history represents the Spirit's Idea as long as it presents itself in the actual reality as series of external configurations. Presenting itself along the universal history in the figures of determined people the Spirit is subjected to natural contingencies. To enter into determined space and time also means expose itself to the mode of finitude and, by the same token, to the mode of naturality in general. So it shows itself as the natural particularity existing as natural principle, as natural singular determinity. The climate has some special influence in the sociocultural formation of a people. The different natural particularities actually frame the foundation of the geographic determinity in the universal history. So America appears as part of the history of destiny, as the come-to-being, the history of future, and, for that reason, as the possibility of surpassing European history.

**KEYWORDS:** Friedrich Hegel – universal history – geographic foundations – America – come-to-be

## INTRODUÇÃO

Segundo Hegel a história universal (*Weltgeschichte*) é o caminho percorrido pelo espírito universal em busca de saber-se enquanto livre. Em si, o espírito é livre, no entanto, ele, em sua determinação natural, tem de se descobrir enquanto tal. Por isso, perfaz o caminho até alcançar a consciência de sua liberdade para então reconhecer-se como livre não somente *em si*, mas também *para si*. Ao pôr a história como o caminho a percorrer por um espírito “divino”, transformando-a em uma *teodicéia*, em uma realização do espírito de Deus na Terra, ao descrever tal caminho Hegel expõe um pormenorizado estudo sobre os fundamentos do processo histórico geral desde a milenar Antigüidade oriental até a consolidação da sociedade burguesa no século XIX. O espírito, ao ingressar no tempo e espaço determinados, expõe-se ao modo da finitude e, assim, ao modo da naturalidade em geral. A particularidade, o espírito determinado, ao exhibir-se na natureza, surge como a particularidade natural, como princípio natural, como determinidade singular natural. Neste processo, vários fatores naturais influenciam a que determinados povos e não outros surjam como *povos históricos*. As diferenças naturais formam o fundamento da determinidade geográfica no curso da marcha de um povo. Conforme o clima, relevo, proximidade ou distanciamento com o mar ou grandes rios, proximidade ou distanciamento com os extremos do globo, fica determinada a configuração que tal ou qual povo terá: “Os distintos espíritos dos povos separam-se no espaço e no tempo e a este respeito faz-se valer a influência do contexto natural, da conexão entre o espiritual e o natural, o temperamento, etc. (...) [e] enquanto base, onde se move o espírito, é um fundamento essencial e necessário” (HEGEL, 1995: 155).<sup>36</sup>

A principal diferença do ponto de vista geográfico na formação dos povos é a relação que existe entre o mar e a terra; no entanto, dentro do território há também diferenças naturais fundamentais na constituição dos povos: “A relação geral da determinidade natural que à história interessa é a relação entre o mar e a terra. Quanto ao território, surgem três diferenças fundamentais: deparamos, primeiro, com países montanhosos sem água; em segundo lugar, com vales sulcados por rios e, em terceiro, com litorais” (HEGEL, 1995: 159).<sup>37</sup>

Segundo a concepção hegeliana da marcha do espírito universal, as regiões do extremo Norte e Sul não foram áreas propícias ao surgimento e desenvolvimento das grandes civilizações. No Leste europeu, por exemplo, o clima extremamente rigoroso dificultou, durante milênios a reunião das tribos para formar povos. Nestas regiões sempre houve escassa densidade demográfica e as poucas tribos ficaram espalhadas em territórios imensos, submetidas às vicissitudes da natureza indomável. Nestas regiões inóspitas, durante muito tempo não se explorou a

natureza intensivamente, mas somente de forma extensiva: os povos só temporariamente fixavam residência. Por isso, estas regiões sempre foram habitadas por povos nômades, migrantes de uma região a outra impulsionados pelas contingências naturais ou pressões externas. Assim sendo, sua riqueza não estava reunida na forma de propriedade imóvel, mas sim, em seus rebanhos, fornecedores ao mesmo tempo de alimentos, meios de transporte e armas (cavalo). As planícies inóspitas do norte e leste europeu, bem como do norte asiático, foram o “lar” destes bárbaros nômades, representados aqui pelos povos mongólicos e arábicos. Este é o primeiro exemplo fundamental da influência das condições geográficas na história (HEGEL, 1995: cf 159/60):

(...) Nem a zona quente nem a fria permitem ao homem elevar-se a livre, a uma riqueza de meios que lhe permitam ser ativo em interesses mais elevados e espirituais. O homem mantém-se aí em grande embotamento; é deprimido pela natureza e, por isso, não pode dela separar-se – o que constitui a primeira condição de uma cultura espiritual mais elevada. A violência dos elementos é demasiado grande para que o homem os possa vencer na luta e tornar-se suficientemente poderoso para impor sua liberdade espiritual ao poder da natureza. O gelo que faz encolher os Lapões ou o calor de África são poderes demasiado grandes perante o homem para que, sob o seu peso, o espírito consiga adquirir o livre movimento e obter a riqueza necessária para a configuração de uma realidade efetiva culta e que ela em si encerra. Naquelas zonas, a necessidade pode muito bem ser incessante e nunca se conseguir evitar; o homem é permanentemente solicitado a dirigir a sua atenção para a natureza. Utiliza esta para os seus fins, mas quando a natureza é demasiado poderosa ela não se oferece ao homem como meio (HEGEL, 1995: 158).<sup>38</sup>

A primeira condição para que o homem se desenvolva enquanto indivíduo é sua separação com relação à natureza. Ao opor-se à natureza, o homem se descobre enquanto ser-racional e não apenas enquanto imediatidade natural: “Logo que o homem surge como homem, põe-se em oposição à natureza; só assim se torna homem” (HEGEL, 1995: 180). No entanto, quando a natureza é “demasiadamente poderosa”, o homem não consegue se sobrepor a ela e permanece em “grande embotamento”. Desta forma, devido à natureza extremamente rude esta região do extremo norte europeu/asiático não ofereceu durante muito tempo condições para o desenvolvimento da história universal e, por isso, esteve excluída dela.

Não sendo a zona fria (extremo norte europeu/asiático) e quente (África) propícias ao desenvolvimento do espírito, a zona que aparece, então, como ideal para o surgimento e desenvolvimento da história universal é a *zona temperada*, em especial sua parte setentrional. Este é o *palco da história*. Esta zona temperada é

dividida entre os povos habitantes dos vales (asiáticos) e os habitantes do litoral (europeus ocidentais). O primeiro palco determinado para a execução da história universal – região dos vales sulcados por grandes rios – abrange a Ásia central e oriental (Leste). Esses vales foram formados, segundo Hegel, graças aos grandes rios que correm em imensas planícies; o solo tornou-se fértil em virtude do depósito de lodo; a terra deve toda sua fertilidade às correntes que a formaram; é a região onde se estabeleceram as grandes civilizações; é a mais frutífera de todas: aí se estabelece a agricultura e, graças a ela, os direitos à vida comunitária. A vida sedentária e a necessidade de organizar a agricultura levam à necessidade de se inventar instrumentos. Ao formar-se este processo produtivo surge a propriedade e o direito. Abre-se então a possibilidade do surgimento de um senhor e, assim, do domínio das leis; surge a divisão em ordens (castas – *Stände*). Aparecem grandes impérios e começa a fundação de Estados poderosos: “Na história oriental deparamos com Estados que se encontram em semelhante situação, com os impérios das margens dos rios da China, do Ganges, do Indo e do Nilo” (HEGEL, 1995: 162).

O terceiro palco da história é aquele em que os povos têm no mar a grande rota de comunicação. Este é o palco no qual se desenvolveu a história greco-romana. A área da atual Europa ocidental aparece a Hegel como a mais favorável ao desenvolvimento da história porque ali nenhum dos três grandes princípios geográficos determinantes da história predominou. A região da Europa ocidental formou um amálgama de todos os princípios naturais possibilitando formar-se o palco perfeito para o desenvolvimento do espírito:

O homem pode viver em todos os climas; mas os climas são limitados e, por isso, são um poder que aparece como o exterior do que existe no homem. A humanidade européia surge, pois, por natureza, como o que há de mais livre, porque aqui nenhum princípio natural se distingue como predominante. As diferenças dos modos de vida que na Ásia se apresentam em conflito exterior recíproco, emergem na Europa, sobretudo como classes no Estado (HEGEL, 1995: 198).<sup>39</sup>

As diferenças principais que surgem dentro de uma mesma região geográfica são as que existem entre o litoral e o interior. Os povos asiáticos não se abriram para o mar e por isso permaneceram fechados em si durante milênios. O mar aparece a estes povos como o limitador natural de suas fronteiras – “o final da terra”. Na Europa, pelo contrário, a relação com o mar é algo de permanente no desenvolvimento destas sociedades. O Mediterrâneo - e depois o Atlântico – é a grande via por onde se aventura a civilização ocidental. Aqui, na Europa, o mar representa o ilimitado, o ir-além dos limites terrestres. A terra, o vale, aparece como fixador do homem ao solo. O mar suscita a coragem, a aventura e, sobretudo

a busca “para a conquista, à rapina, mas também ao lucro e à ganância”. (HEGEL, 1995: 163/64).<sup>40</sup>

Para Hegel, a civilização ocidental teria necessariamente que iniciar seu desenvolvimento pela região Sul do continente, pois o mar Mediterrâneo (um mar relativamente calmo se comparado ao oceano Atlântico) apresentava as condições propícias às populações ali estabelecidas:

A primeira parte é o sul da Europa, a região a sul dos Pirineus, a França meridional e a Itália, que estão separados pelos Alpes do resto da França, da Helvetia e da Alemanha; e aqui se inclui igualmente a cadeia oriental de territórios, na direção do Hemo, a Sul do Danúbio, com a Grécia. Esta parte, que foi durante muito tempo o teatro da história universal, não tem em si nenhum núcleo marcado, mas abre-se, sobretudo para fora, para o Mediterrâneo. Quando o centro e o norte da Europa ainda estavam incultos encontrou aqui o seu lugar o Espírito do mundo (HEGEL, 1995: 198).

A região que Hegel denomina Europa *interior* é por ele dividida em duas partes distintas entre si. A mais setentrional é a formada pela Polônia e Rússia. Nesta região, a possibilidade de desenvolvimento histórico-universal é dificultada pelo clima e relevo rigorosos. Estes dois países, apesar de mais próximos da zona temperada, possuem condições naturais desfavoráveis ao estabelecimento originário do homem. Sua proximidade com a região siberiana retarda sua entronização na história greco-romana.<sup>41</sup>

Entre esta região mais setentrional (Nordeste) e a mediterrânica situa-se a área pela qual se tornou o *coração* da Europa: é a parte ocidental – as Gálias – conquistada por Júlio César. Compõem-no a Alemanha, França, Dinamarca e a Escandinávia. É nesta região onde a história encontra seu *núcleo* universalizador.

Esta divisão em três partes geográfica e cronologicamente distintas (mediterrânica, centro-ocidental e Nordeste-europeu) da progressão da história greco-romana nos parece fundamental para compreendermos a inserção dos povos germânicos nesta história. A ocupação da região que os romanos denominaram *Germania* se deu em tempos pré-cristãos e abrangia desde a Gália central (atual França) até às regiões mais setentrionais. Quando, por exemplo, Júlio César submeteu os povos gauleses (celtas) na metade do primeiro século antes de Cristo, estes estavam constituídos em forma tribal. Estas tribos estavam reunidas em grandes famílias patriarcais; a propriedade da terra pertencia a cada comunidade particular e os frutos desta produção eram distribuídos de forma comunalista.<sup>42</sup> No entanto, em fins do século I d.C. (quase um século e meio após César), as tribos ao Norte do Reno e do Danúbio – não romanizadas – se encontravam não mais reunidas em grandes famílias sob um mesmo teto, mas em casas separadas e independentes umas das outras, como descreve Tácito. E nos séculos que precederam a conquista

do Império Romano estavam reunidas novamente em grandes tribos nômades ou seminômades.<sup>43</sup>

Os povos germânicos, por sua relativa proximidade com o Império Romano (pelo menos as tribos que faziam a linha de fronteira no Norte do Império) muito cedo abandonaram seu caráter bárbaro e foram se aproximando das formas de apropriação desenvolvidas pelos romanos; o comércio na fronteira era regular e as moedas romanas faziam às vezes de *equivalente geral* nestas tribos mais ao sul do Reno/Danúbio.<sup>44</sup> Muitas delas passaram a fazer parte do exército romano para proteger as fronteiras contra o restante dos bárbaros. Este contato intenso e contínuo com o império romano fez com que estas tribos se tornassem cada vez mais *civilizadas*, abandonando seu caráter de organização natural. A romanização dos bárbaros significa, na realidade, a inclusão destes povos na civilização ocidental, sua inclusão na história universal. Hegel destaca este desenvolvimento não-autônomo e atrasado dos povos germânicos durante a Idade Média: "(...) Os germanos receberam o impulso evolutivo de uma cultura estrangeira; sua cultura, suas leis e religião são estrangeiras. A evolução começou, pois, pelo exterior e só mais tarde veio a interiorizar-se. Os povos germânicos eram culturalmente muito atrasados quando se espalharam pelo mundo romano. A comunidade das nações era muito superficial e o traço capital era a autonomia do indivíduo (...) O mundo germânico recebeu já prontas a cultura e a religião romanas (...)" (HEGEL, 1953: 254).

Desta forma, podemos afirmar que na concepção de Hegel não foram os bárbaros que derrubaram o Império Romano. Os romanos eram muito superiores culturalmente (em todos os sentidos da palavra) aos germânicos. O povo conquistador aí, na verdade, é o romano, pois, ao sofrer a invasão nórdica, os romanos não se *germanizaram* ou se tornaram *bárbaros*, mas, ao contrário, os *romanizaram* e *civilizaram*. Os bárbaros somente conquistam o Império quando este já está putrefato por suas próprias contradições internas, por suas próprias limitações.<sup>45</sup> Os germanos acorrem ao Império, por um lado, impelidos pelos nômades do Leste (mongóis, tártaros, hunos, etc.) que os pressionavam contra os limites impostos pelos romanos; por outro lado, os germânicos são seduzidos pelas terras férteis e riquezas encontradas do lado sul da fronteira Reno/Danúbio.<sup>46</sup>

Desta forma, o *palco originário* da história universal para Hegel é aquele onde a natureza apresentou condições favoráveis a seu controle por parte do homem: a Ásia, como *berço* da história, possui vales sulcados por grandes rios formadores de sedes das grandes civilizações despótico/patriarcais. Em seguida, a bacia mediterrânica com o mar como via natural para a ligação entre os povos espremidos em sua costa. Daí, então, para o interior gaulês. Aqui, na Europa centro-mediterrânica está o verdadeiro palco da história, pois, se a Ásia é o local de surgimento do espírito na Terra, a Europa é o local de seu desenvolvimento e

ocaso. Por isso, segundo Hegel, a história universal segue um curso que vai do Oriente ao Ocidente: se, por um lado, é nas milenares civilizações asiáticas que o homem deu seus primeiros passos; por outro, estas sociedades se mantiveram fechadas em si por milênios e somente se abriram ao mundo por uma necessidade externa. Foi, no entanto, no Ocidente que a humanidade como um todo, após percorrer longo caminho, descobriu sua verdadeira natureza: ser livre em si e por si.

#### A AMÉRICA COMO SUPERAÇÃO DA EUROPA

A América aparece na concepção de história universal de Hegel (marcha do Espírito absoluto) como a *extensão*, o sair da sociedade européia para além de seus limites naturais, como outrora os gregos o fizeram com o processo de colonização da Anatólia.

Na América, a natureza havia sido generosa para com os espanhóis, pois, estes, ao conquistarem os estados Inca e Asteca, encontraram abundância de riquezas em metais nobres, bem como abundante e (já civilizada) população nativa. Os portugueses também se aproveitaram da generosidade da natureza americana. Antes de encontrarem ouro no subsolo brasileiro, haviam já explorado toda a madeira do litoral e aproveitaram o clima tropical para produzir cana-de-açúcar e abastecer o mercado europeu.

No entanto, dentro da perspectiva do fundamento geográfico, a região que compreende os atuais Estados Unidos da América aparece para Hegel como a mais propícia a absorver o excesso demográfico europeu e promover a superação histórico-cultural da mesma. Nesta área de subsolo aparentemente pobre (o ouro californiano somente foi descoberto em meados do século XIX) a coroa britânica (preocupada mais com o lucrativo comércio hindu) entregou a particulares (companhias privadas de navegação) o transporte e assentamento dos primeiros colonos da *Nova Inglaterra*<sup>47</sup>. Se, inicialmente, esta omissão da coroa para com os colonos acarretou-lhes grandes dificuldades, a médio prazo isto propiciou a acumulação de enormes riquezas para si, advindas da venda de produtos agrícolas e artesanais às colônias do sul escravista e ao Caribe. O clima não-tropical, semelhante ao Europeu (portanto, não propício à instalação da *plantation* escravista agro-exportadora)<sup>48</sup>, além das terras abundantes e férteis, irrigadas por grandes rios, apareceram como ideais para receber os *pilgrim fathers* do calvinismo inglês.<sup>49</sup> Em pouco mais de um século os colonos do norte já dominavam grande parte do comércio interatlântico e possuíam uma indústria naval e pesqueira notável, graças à abundância de florestas e peixes em seu litoral.

Hegel percebe, já no início do século XIX, a potencialidade que a recém independente e nação ianque tem de promover a superação da velha e cansada Europa:

(...) Esta parte do mundo [a América], ao entrar em contato conosco [a Europa], em parte já deixara de ser e em parte ainda não está pronta. Por conseguinte, a América é o país do futuro. Em tempos futuros se mostrará sua importância histórica, talvez na luta entre a América do Norte com a América do Sul. É um país de nostalgia para todos os que estão entediados do museu histórico da velha Europa. (...). América deve ficar separada do solo em que, até hoje, se desenvolveu a história universal. O que até agora acontece aqui não é mais que o eco do velho mundo e o reflexo de alheia vida (...) (HEGEL, 1995: 183).

Portanto, se o palco originário da história é a zona temperada euro-asiática, a América, então, aparece como a história do vir-a-ser. E se para Hegel a história começa literalmente no Leste e encontra seu ápice no Oeste, este Oeste, porém, não é a Europa, mas sim a América. Ela representa o futuro: o verdadeiro *Ocidente* da história universal

#### NOTAS

<sup>1</sup> No último século desenvolveu-se toda uma literatura crítica contra a teoria das influências externas sobre a formação originária dos povos. Os antropólogos e historiadores da Nova História preferem adotar um viés “culturalista” para a formação e diferenciação entre os povos. Assim, as condições climáticas e geográficas não teriam grande influência na caracterização/formação de dada sociedade: “A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre, outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais” (LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar. 2004, 17ª edição, p.21).

<sup>2</sup> O clima, como dissemos, tem fundamental influência na determinação do povo, pois “nem a zona fria nem a quente constituem o solo para a liberdade do homem”. O homem, enquanto ser sensível, está sujeito a estas contingências do clima: “Os extremos [do planeta, J. A.] não são favoráveis ao desenvolvimento espiritual”. HEGEL, 1995: 158).

<sup>3</sup> Mais à frente Hegel destaca novamente a impossibilidade de desenvolvimento histórico no norte devido às condições climáticas: “Primeiramente temos que excluir o declive setentrional, a Sibéria. Encontra-se para além da nossa consideração. A estrutura integral da região não é de molde a poder constituir um palco da cultura histórica e uma figura peculiar na história universal. As vantagens que, aparentemente, existem no fato de grandes rios descenderem das cadeias de montanhas Altai para o oceano setentrional são, de novo, anuladas pelo clima” (HEGEL, 1995: 194).

<sup>4</sup>A necessidade de organizar um processo produtivo – agricultura, sobretudo – nas regiões asiáticas e, principalmente, na Europa fez com que os homens inventassem instrumentos para um melhor controle das forças da natureza. Na verdade, o que os povos civilizados fizeram foi direcionar estas forças naturais (bem como multiplicar sua potência), que antes lhes impediam de se desenvolver e as colocaram à sua disposição para melhor submeter a natureza às necessidades humanas.

<sup>5</sup>Os gregos, por exemplo, em suas ilhas ou espremidos entre a costa mediterrânica e as montanhas inóspitas tiveram no mar o princípio de seu desenvolvimento: “Na primeira parte do território encontramos um país disseminado no mar e, ali onde pode chamar-se terra firme, está dividido em muitas pequenas porções. As ilhas formam o arquipélago; a terra firme é uma península formada por estreitas faixas de terra (...) No despedaçado solo dos rios gregos não poderia nascer uma raça como as produzidas no Nilo e no Ganges, um povo rígido e hermético. Na Grécia tudo é diferente e minúsculo se comparado com o asiático. Não se formam grandes massas, mas os pequenos departamentos formam massas que estão em mútua relação. Tudo se encontra, em suma, em fáceis ligações e contatos, singularmente por meio do mar. Não encontramos aqui aquele poder físico do Oriente, aquele horizonte de sempre igual aspecto, dentro do qual vive um povo uniforme que não sente estímulos para mudança alguma. Aqui encontramos uma divisão e multiplicidade que corresponde perfeitamente à variada índole dos povos gregos e a mobilidade do espírito grego” (HEGEL, 1953: 64).

<sup>6</sup>“A terceira parte é constituída pelo Nordeste da Europa; compreende as planícies nórdicas de natureza peculiar, que pertenceram aos povos eslavos e formam a conexão com a Ásia, sobretudo a Rússia e a Polônia. Estes países só tardiamente ingressam na série dos Estados históricos e mantêm constantemente o nexos com a Ásia” (HEGEL, 1995: 198).

<sup>7</sup>“Não lavram os campos e a maior parte deles vive de leite, queijo, carne. Ninguém tem tampouco uma quantidade precisa e delimitada de terra, mas os magistrados e chefes concedem a cada ano quantidades de terras às tribos e gentes reunidas e lhes fazem mudar de terras no ano seguinte. Dão muitas razões para este fato: que não troquem seu desejo pela guerra pelo da agricultura, absorvidos por uma rotina estabilizada; que os mais poderosos não expulsem de suas terras os mais humildes para ampliar suas próprias possessões; que não se ponham a construir com mais cuidados para proteger-se do frio e do calor; para que não surja a ânsia de riquezas e com ela facções e dissensões; para manter satisfeito o povo, vendo cada um que sua riqueza é igual a dos demais poderosos” (César, Julio. *De bello Galico*. In: MARX, 1988: 209/10).

<sup>8</sup>Pierre Riché, em *Grandes Invasões e Impérios*, descreve como viviam os povos germânicos no século IV depois de Cristo, quando da iminente invasão do já moribundo império Romano: “os Germanos não conhecem nem Estado nem cidade. Fazem parte do quadro da sua vida a povoação, a tribo, o clã, que agrupam as famílias. O indivíduo não tem existência senão no seio destas comunidades. Se, por graves razões, deixa de fazer parte delas, pode ser caçado como um lobo. A família germânica representa a célula básica. O pai tem o *mund* (em latim *mundium*), quer

dizer, o poder absoluto sobre a mulher e os filhos...” (p.23). Mais à frente: “Como os homens da época neolítica, os germanos viviam da caça, pesca, da criação de gado e da cultura dos cereais, mas sua técnica rural era ainda muito primitiva. A Germânia é um país florestal, pantanoso, de solo ingrato. Os Germanos instalavam-se em clareiras por alguns anos, arroteavam com a ajuda da pesada charrua terras que semeavam, com mais frequência, de trigo e de cevada; esgotadas estas terras, procuravam novas, empilhando então o seu mobiliário e material de cultura em carros e empurrando diante deles os seus rebanhos. Esse seminomadismo explica como os germanos nunca obtiveram êxito na formação de um Estado estável...” (p.26/27) (RICHÉ, 1980).

<sup>9</sup> Cf. Tácito. *Germânia*. In: Marx, 1988: 208/209.

<sup>10</sup> Moses Finley apresenta como uma das principais causas do declínio do império romano a redução drástica do *potencial humano*. O Império havia crescido ao limite e os problemas internos e externos se agravavam: “(...) Na parte final do império Romano, o potencial humano achava-se incluído num complexo de condições sociais inter-relacionadas, que, juntamente com as invasões dos bárbaros, pôs termo ao império do Ocidente. Os efetivos do exército não podiam ser aumentados porque a terra não agüentaria mais depleção de potencial humano; a situação no território deteriorara-se, porque os impostos eram muito elevados; eram muito elevados porque as exigências militares aumentavam, e as pressões dos germanos figuravam na raiz destas últimas. Um círculo vicioso de malefícios encontra-se em plena atividade” (FINLEY, 1964: 173-175).

<sup>11</sup> (Cf. BENOIT, 2004: 52).

<sup>12</sup> Esta é a região que os historiadores costumam denominar de “colônias de povoamento”, em contraste com a colonização ibérica que seria uma colonização de “exploração” (Cf. MOOG, Viana. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Globo, 1961, 2ª edição; Também NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec. 5ª edição. 1989).

<sup>13</sup> Além do fato de os colonos britânicos terem deixado na Europa os preconceitos culturais ali enraizados, trazendo consigo somente as técnicas modernas de indústria e cultivo e o desejo de tornar-se livre-proprietário do fértil solo americano.

<sup>14</sup> “A América do Norte mostra-nos, antes de mais nada, ao longo de suas costas orientais um amplo litoral, por trás do qual se estende uma cadeia de montanhas (...). Rios que delas emanam regam as terras do litoral, as quais têm a mais vantajosa condição para os livres Estados norte-americanos, aqui originariamente constituídos. Por trás daquela cadeia de montanhas corre, do sul para o norte, em conexão com enormes lagos, o rio São Lourenço, em cujas margens se situam as colônias setentrionais do Canadá. Mais para Ocidente, encontramos a bacia do imenso Mississipi com as regiões fluviais do Missouri e do Ohio, que aquele acolhe, indo em seguida desaguar no golfo do México” (HEGEL, 1995: 165).

REFERÊNCIAS

HEGEL, Georges W. Friedrich. *O contexto natural ou o fundamento geográfico da história universal*. In: *A Razão na História: Introdução à Filosofia da História Universal*. Lisboa: Edições 70. 1995. Tradução de Artur Morão.

HEGEL, Friedrich. *El mundo griego*. In: *Lecciones sobre la Filosofía de la Historia Universal*. 3ª edição. Madrid: Revista do Ocidente. Tomo II. 1953. Tradução de Jose Gaos.

MARX Karl. *Los apuntes etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1988. Editado por Laurence KRADER. Tradução de José Maria Ripalda.

RICHÉ, Pierre. *Grandes Invasões e impérios*. Lisboa: Dom Quixote. 1980.

FINLEY, Moses. *O potencial humano e a queda de Roma*. In: *Aspectos da Antigüidade*. Lisboa: Edições 70, 1964.

BENOIT, Hector. *O programa de transição de Trotsky e a América*. In: *Revista Crítica Marxista* nº 18. São Paulo: Revan, 2004.